VAMOS FALAR SOBRE O FUNK? A PRESENÇA DO RITMO NO AMBIENTE ESCOLAR[1]

Fernanda Xavier Machado[2]

RESUMO

O objetivo deste texto é trazer uma reflexão da relação funk e escola. A pesquisa teve como palco uma escola de um bairro periférico do município de Serra-ES. Pautando-se na etnografia, o estudo teve o auxilio de observações diretas e indiretas, registros em diário de campo e entrevistas semiestruturadas, realizadas com alunos e o corpo docente da instituição investigada. Os resultados mostraram a existência de entraves no que se refere à presença do funk nesse espaço.
PALAVRAS-CHAVE: funk; escola; comunidade.

1 INTRODUÇÃO

> O *funk* está presente na minha vida na escola, fora da escola e dentro de casa. Eu comecei a gostar do *funk* aqui dentro da escola porque ouvia todo mundo curtindo o *funk* (Aluno 15).

O relato acima exemplifica a presença do estilo *funk* de forma cotidiana dentro de um ambiente escolar, algo que atualmente é perceptível em diversas instituições espalhadas pelo país.

O espaço escolar utilizado para trocas de vivências vinculadas ao *funk* foi algo notado e trabalhado por Nascimento e Fonseca (1997), ao observarem que alguns procedimentos vivenciados pelos alunos em festas voltadas para esse ritmo, eram transportados para o ambiente escolar. Seguindo a perspectiva da cultura corporal, os autores realizaram uma proposta pedagógica extracurricular, estabelecendo uma relação interdisciplinar entre a Educação Física e a Sociologia. A necessidade de incluir o *funk* como um instrumento pedagógico foi igualmente sentido por Lara e Pinelli (2007), ao notarem a forte presença do ritmo nas instituições estaduais de ensino de Maringá/PR. Para o desenvolvimento desse trabalho, as pesquisadoras selecionaram uma turma finalista do ensino médio de uma escola pública, em que era "comum observar alunas dançando *funk* na escola em horários de intervalo, aulas vagas e, até mesmo, nas aulas de Educação Física, enquanto os meninos jogam futebol" (PINELLI; LARA, 2007, p. 9). Por meio de um projeto interdisciplinar, esse estudo desenvolveu atividades didáticas teórico-práticas, que incluíam as disciplinas de Educação Física, Sociologia e Língua Portuguesa.

1 A presente investigação recebeu auxílio financeiro (modalidade bolsa de mestrado) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

2 Secretaria de Educação do Estado Espírito Santo (SEDU), fexmachado@hotmail.com

De maneira semelhante, as situações que foram vistas tanto no Rio de Janeiro quanto no Paraná, a presença marcante do *funk,* igualmente foi notada em diversas instituições de ensino público da Região Metropolitana da Grande Vitória-ES. A temática que envolveu a reflexão *funk* e escola desenvolvida no Espirito Santo integrou o corpo de uma dissertação que deu foco a essa relação. No caso desse estudo em especifico, a intenção inicial era dialogar com professores de Educação Física que realizassem trabalhos com o *funk* em suas aulas. Entretanto, foi notado uma ausência de trato pedagógico da disciplina com esse ritmo, algo que talvez pudesse ser um reflexo de uma carência não do campo em si, mas que poderia ser fruto de barreiras construídas dentro das escolas, que não permitissem o desenvolvimento de um trabalho pedagógico vinculado ao ritmo. Assim, para pensar sobre a relação *funk* e escola, ficou decidido que a pesquisa seria desenvolvida em uma instituição educacional, onde esse estilo musical estivesse fortemente presente.

No início do ano de 2014, com a indicação de um colega professor, foi realizada a inserção em um ambiente escolar onde o *funk* era notado em todas as salas de aula. Desse modo, para compreender o contexto que envolvia o *funk* dentro daquela instituição, o estudo assumiu um caráter qualitativo. Dentro dessa lógica, os caminhos metodológicos adotados neste trabalho assumiram as características de experiências relacionadas a etnografia. Os instrumentos de coleta de dados usados se pautaram em registros em diário de campo e entrevistas semiestruturadas. Os atores centrais deste estudo foram os alunos, representados por 17 sujeitos, em uma faixa etária entre 12 a 17 anos, pertencentes às turmas da 5ª a 8ª séries e professores 7 docentes. Vale destacar também que a escolha dos participantes deu-se pela disponibilidade e interesse dos mesmos, não sendo atribuída, além dessa, nenhuma outra forma de seleção.

O período de inserção no campo durou por volta de um ano e meio, sendo acompanhada apenas a rotina do turno matutino, com a freqüência de aproximadamente quatro vezes por semana. Nesse período, foram observadas as aulas de educação física além de vários momentos relacionados à rotina da escola e de seus sujeitos. É importante salientar ainda que, os dados encontrados foram tratados por meio do confronto com a literatura e também através da analise de conteúdo.

Para manter a ética, o estudo ocultou todas às referencias relacionadas aos sujeitos entrevistados e o bairro onde está localizada a escola. Vale destacar ainda que, todos os procedimentos metodológicos da pesquisa passaram pela aprovação de seus participantes e também pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sendo protocolado com o número 020151/2014.

2 OS COMPASSOS E OS DESCOMPASSOS PROVOCADOS PELO FUNK DENTRO DA ESCOLA

Os resultados obtidos durante a inserção empírica mostram que o *funk* se encontra presente de forma direta e indireta na vida de todos os alunos entrevistados, pois de acordo com um dos entrevistados, a relação da comunidade com o ritmo é muito intensa, sendo tal como mostram os relatos a baixo:

> Aqui no bairro também tudo é *funk;* você vai em uma rua está tocando *funk*, vai na outra também e tinha os encontros na pracinha que eram voltados para o *funk* (Aluno 6).

Essa narrativa exemplifica um pouco da relação comunidade, juventude e *funk*, que se apresenta como um dos reflexos da grande propagação cultural que o ritmo tem em todo o território nacional. Para Lopes (2010), o *funk* se apresenta como um fenômeno de massa, diretamente relacionado à vida e experiências dos jovens das periferias e favelas brasileiras, estando muitas vezes atrelado um sentido de lazer, vinculado a entretenimento, assim como aparece na entrevista de um dos alunos:

> É, eu gosto muito de dançar, danço muito, mas vou a muitas festas que tocam *funk*, que são específicas para *funk*. É uma oportunidade da gente fazer novos amigos, conhecer novas pessoas. (Aluno 4).

É importante, ainda, pensar que esse momento de união em torno do *funk* pode acontecer dentro do ambiente escolar, espaço este, que pode se tornar palco para os relatos e trocas de experiências vinculadas ao ritmo:

> Eles gostam muito de ficar na dancinha do *funk*. Por exemplo, deu a hora do recreio, se eles se juntarem no cantinho, eles podem até cantar uma música com letra diferente, mas as palminhas lembram o *funk*. Eles também fazem a composição de versinhos, que eles mesmo vão criando, as vezes no horário de recreio ou então se eles têm uma aula vaga e que eles vão descendo, eles vem descendo e criando versinhos para narrar a situação do momento (Docente Joana).
> Sempre tem alguns (alunos) que comentam o que aconteceu lá (festas *funk*).“Você foi na social que teve, foi responsa né!?”(Aluno 10).

Embora os relatos mostrem a forte presença do *funk* tanto fora quanto dentro da instituição escolar é possível notar a existência de barreiras no que se refere à construção de um diálogo pedagógico em torno do *funk*, como mostra o relato abaixo:

> Então dentro da escola a gente não permite. Mas assim, a gente vai fazer uma mostra cultural, eles podem apresentar um pagode, um hip-hop, pode ser uma valsa, um samba, mas o *funk* não, porque todo mundo sabe que não cabe (Docente Suzi).

Embora exista uma política de negação do ritmo dentro da instituição escolar em questão, é possível destacar em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) alguns pontos qur falam da valorização da cultura local e regional e as múltiplas relações com o contexto nacional e/ou global. O documento ressalta também o respeito à diversidade étnica, cultural e socioeconômica, sem preconceito de origem, raça, cor, sexo, credo, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Confrontando as ideias propostas pelo PPP da unidade escolar investigada com os dados é notável a existência de algumas entre o que está escrito no papel com a realidade, pois, “A proposta pedagógica da escola não fala sobre a violência, não fala sobre o contexto de risco social do bairro. É apenas uma escola que segue o modelo padrão determinado pelo Estado, que não se adapta à realidade” (Docente Bianca).

Para Valle e Salles (2010) em alguns casos o estilo adotado pelos alunos, principalmente no que diz respeito ao seu estilo musical, parece ter significado

como produtor de procedimentos incompatíveis com a disciplina desejada na classe, sobretudo no que diz respeito à corporeidade.

É válido destacar que a abordagem do *funk* como uma manifestação socialmente produzida na cultura urbana do Rio de Janeiro foi o caminho adotado por Nascimento e Fonseca (1997). O impacto desse trabalho foi sentido pelos pesquisadores ainda durante o processo de intervenção, pois foi observado que alunos participantes assumiam, a cada encontro, outra postura perante o ritmo, tanto no que se refere à capacidade crítica, quanto aos comportamentos já estereotipados do *funkeiro* frente à sociedade.

Partindo de um ponto de vista diferente, Pinelli e Lara (2007) utilizaram elementos como a composição de músicas e criação de coreografias com o intuito de levar os alunos e professores a refletirem sobre o *funk* enquanto uma manifestação ligada diretamente à sexualização exacerbada e aos modismos ligados à lógica de mercado. O resultado desse trabalho foi considerado positivo pelas pesquisadoras, já que o estudo colaborou para o enriquecimento do processo de informação e obtenção de uma expressividade corporal consciente a respeito do movimento *funk*, tanto por parte dos alunos, quanto dos professores. Embora os trabalhos aqui citados tenham adotado diferentes maneiras de pensar e trabalhar o movimento *funk*, ambos exemplificam a importância de um debate em torno do ritmo no ambiente escolar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados aqui apresentados mostram que o *funk* circula de forma viva dentro da instituição investigada, uma vez que, os jovens levam as suas experiências e vivencias relacionadas aos *funk* para esse espaço. Entretanto, embora seja um elemento vivo no meio estudantil, é oficialmente proibido por parte do corpo docente.

É relevante destacar ainda a presença do *funk* no ambiente escolar, não representam um caso isolado, mas se somam a realidades igualmente encontradas por Nascimento e Fonseca (1997) e Lara e Pinelli (2007). Essas experiências mostram que é possível construir um debate amplo em torno do *funk* dentro de escolas onde o ritmo se faz presente, reconhecendo este como um elemento cultural contemporâneo que possui viés complexo, multifacetado e paradoxal, assim como aponta(2012).

Dessa forma, é necessário que os profissionais da educação realizarem uma reflexão diante do *funk*, enquanto um ritmo presente na vida de seus alunos. Entretanto, esse exercício precisa ir além de conversas informais ou uma postura de simples enfrentamento, uma vez que o diálogo entorno desse elemento cultural pode contribuir para um maior envolvimento dos estudantes no processo educacional ou, até mesmo, apresentar-se como um elo para intermediar possíveis conflitos que possam existir entre docentes e discentes de uma determinada realidade escolar.

LET´S TALK ABOUT FUNK? THE PRESENCE OF THE GENRE IN THE SHOOL ENVIREMENT

ABSTRACT: *This paper aims to discuss the relationship between funk and school. The research was carried out in a school from a peripheral district in Serra (Espírito Santo, Brazil). Based on ethnography,*

the study was developed with the aid of direct and indirect observations, field diary records and semi-structured interviews, which allowed to understand the relation of the students and teachers with rhythm. The results show the existence of obstacles regarding the presence of funk in this space.
KEYWORDS: Funk; school; community.

HABLEMOS SOBRE EL FUNK? LA PRESENCIA DEL RITMO EN EL AMBIENTE ESCOLAR

RESUMEN: *El propósito de este trabajo es traer una reflexión de la relación funk y escuela. La investigación, se representó en una escuela de un barrio periférico de la ciudad de Serra-ES. La etnografía, el estudio contó con la ayuda de observaciones directas e indirectas, registros en diários de campo y entrevistas semiestructuradas realizadas con estudiantes y profesores de la institución investigada. Los resultados mostraron la existencia de obstáculos con la presencia del funk en ese espacio.*
Palabras claves: funk; escuela; comunidad.

REFERÊNCIAS

LAIGNIER, P. C. Pedagogias do funk carioca: Deus e o Diabo na terra do som. **Matrizes**, v. 6, n. 1-2, p. 207-230, 2012.

LOPES, A. C. **Funke-se quem quiser**: no batidão negro da cidade carioca. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2011.

NASCIMENTO. M. A; FONSECA, M. A. O funk e as aulas de Educação Física: uma proposta de resgate cultural em uma escola pública do Rio de Janeiro. **Lecturas: Educación Física e Deportes.** Buenos Aires, n. 8, p. 1-2, 1º dez. 1997. Disponível em: www.efdeportes.com/efd8/funk8.htm. Acesso em: 22 set. 2013.

PINELLI, T. M. L; LARA , L. M. **Trá-lá-lá... que dança é essa? funk na escola: Um olhar crítico sobre a linguagem corporal** . Instituição: UEL, 2007 Disponível em: www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_tania_maria_lopes_pinelli.pdf. Acesso em: 20 set. 2013.

VALE, F. F. do; SALLES, L. M. F. Jovens de periferia, estilos musicais e cotidiano escolar. **EccoS**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 365-384, jul./dez. 2010.